Texto 1

O homem horizontal – Carlos Heitor Cony

Rio de Janeiro

Almocei no hotel onde me hospedaram, na rua Augusta. Fui a uma banca de jornais na Paulista. Num cruzamento, o pé bateu numa protuberância do meio-fio, dei passos desgovernados, bêbado súbito e irreparável. Desabei na calçada.

Tive tempo de proteger a cabeça, o peso do corpo ficou concentrado no ombro direito. Ainda bem. Se tivesse me apoiado nas mãos, teria sido pior — foi o que ouvi mais tarde do ortopedista.

Pior mesmo foi adquirir a perspectiva que um morto teria-se é que os mortos têm direito a qualquer perspectiva. No chão, contemplava o céu estranhamente azul da Pauliceia. E só não contemplei mais porque aparecerem rostos penalizados. Formavam um círculo, o céu ao fundo.

Tudo demorou menos de meio minuto. Ajudaram-me a levantar, perguntaram se estava passando mal, disse que não, tudo bem. Saí do pequeno ajuntamento que se formou em volta. Não sentia dor alguma, mas imensa, obscena humilhação. O homem vertical, que eu me julgava ser, tivera um momento de verdade. Não foi o meu primeiro tombo. Foi o mais espetacular, no meio de tanta gente. Bastaram aqueles dois ou três segundos, estatelado numa calçada, o céu ao fundo, rostos alarmados formando um círculo em minha visão derrotada, de homem horizontal.

Não sei se foi bom voltar à verticalidade que me dava direito de ser como os outros, também verticais e apressados, que logo não me deram qualquer importância. No chão, eu era importante? Ou apenas um transtorno na vida urbana, um cara atrapalhando o trânsito na calçada paulista?

Sobrevivi à humilhação. Fui em frente. O homem vertical é postiço, provisório, como as medidas que o governo baixa todos os dias. Definitivo, passado a limpo, é o homem horizontal.

Disponível em: [Folha de S.Paulo – Rio de Janeiro – Carlos Heitor Cony: O homem horizontal](#). Acesso em: 27 de março de 2023.

3) A crônica pode ser classificada como um gênero que aborda questões efêmeras e sutis do cotidiano. Leia a crônica “O homem horizontal” e responda ao que segue:

- a) O tema desse texto pode ser considerado trivial? Qual o principal evento que ele descreve?
- b) Por que o autor falava que quando estava na horizontal era importante e na vertical tornou-se um homem normal?
- 4) Na sua opinião, essa crônica é reflexiva, humorística, jornalística ou histórica? Justifique sua resposta.
- 5) Outra característica da crônica é o uso da linguagem coloquial. Localize no texto ao menos duas passagens em que isso aparece, e as transforme em norma culta.

TEXTO 2

"Meu morro" (Maria Eduarda de Moraes Silva)

O morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas ao mesmo tempo em que portas e janelas se escancaram e melodias, risadas saltam soltas daqui e acolá.

Dona Josefa, com seu cigarro já aceso, está de pé à porta de seu barzinho, curtindo suas músicas sertanejas; e não se demora muito pra ver a Brenda, dos salgadinhos, aos gritos com os filhos da Michele, que insistem em jogar bola na frente da sua barraca... Está declarada a confusão. Mas bom mesmo é passar pela dona Maria, a quitandeira – me delicio só de olhar todas aquelas frutas cheias de cheiros e sabores.

Os dias são quase todos assim: entre idas e vindas, “sobes e desces”, vou e volto da escola. E nessa volta, loucura mesmo é passar pelo “Caminho das Índias” – é assim que chamam a Cachoeirinha na hora do rush – Pensa num lugar agitado, cheio de gentes, gritos e buzinas? Aff!! Salve-se quem puder! Mas... chego lá na minha casa, chego lá...

Já é noite no Morro do Macaco. As luzes tomam seu lugar e, aos poucos, tudo vai se aquietando... bem aos poucos. Não vejo mais a Brenda nem dona Maria que, pelo horário, já fecharam suas vendinhas. Dona Josefa – agora sentada na sua cadeira de plástico vermelha – mantém o bar aberto até tarde da noite.

Continuo a subida e, lá pelo meio do caminho, um grito sai avisando:

— Os “cara” tão subindo!!! Cooooorre, coooooorre!! Tão subiiindo!!

O susto paralisante foi logo desfeito pelo apavoramento do povo. Quem pela rua estava, correu desesperado, assim como eu, pra se esconder em algum lugar. Os disparos pareciam vir de todos os cantos do morro. Portas e janelas agora fechadas, amedrontadas pelo caos armado. Tiros, muitos tiros e um último grito seguido de um choro sentido e doloroso...

— Meu filho nãããããoo!!! Mataram meu menino...

O silêncio reinou por alguns instantes e, aos poucos, via-se a cena final: uma mãe e o corpo coberto de sangue de um moço baleado.

No dia seguinte, o morro acorda sempre apressado, agitado. Num desce e sobe vielas e escadas, pessoas seguem suas vidas. Enquanto a noite ficou ali... estendida no chão.

6) A crônica é um gênero textual que quase sempre é curto, tem poucas personagens e se inicia quando os fatos principais da narrativa estão por acontecer. Por essa razão, nele o tempo e o espaço são limitados. Em “Meu morro”:

- a) Quais são as personagens envolvidas na história narrada?
- b) Onde aconteceram os fatos narrados? De modo geral, como esse lugar é descrito?
- c) Quanto tempo (minutos, horas, dias, meses...) duram os fatos narrados por Maria Eduarda em seu texto?
- d) Resuma, em poucas linhas, os fatos narrados no texto.

7- O cronista tem o olhar atento nas notícias veiculadas em jornais falados e escritos e nos fatos do dia a dia. E escreve sobre eles com sensibilidade, ora criando humor, ora provocando uma reflexão crítica acerca da realidade.

- a) Pense um pouco: A história relatada na crônica “Meu morro” é apenas ficcional, ou seja, inventada pela autora?
- b) Conclua: Na crônica, Maria Eduarda apenas narra os fatos ou busca apresentar um novo olhar sobre eles?
- c) Que objetivos a autora da crônica “Meu morro” tem em vista: tratar cientificamente de um assunto, divertir o leitor ou levar o leitor a refletir criticamente sobre a vida na comunidade periférica? Explique sua resposta.